

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: "Mundo na sala de aula", Segunda Temporada
Episódio 16 – Charges e presidentes

Transcrição: Ana Noronha (UnB) e Janaína Aleixo (Unicamp)
Revisão da transcrição: Soraya Fleischer (UnB)

Legendas

Blocos

Sonoplastia

Leitura de charges

ABERTURA

Música de abertura: "Mudernage" da Ellen Oléria

Tá pelo mundo essa mudernage

Esse balanço roto pra fazer você suar

Tá pelo mundo essa mudernage

Esse balanço roto... roto

Ana: E aí gente! Eu sou a Ana Noronha, estudo antropologia na UnB e faço parte da equipe do Mundaréu, um podcast de divulgação científica feito por alunas e professoras das universidades de Brasília e de Campinas!

Milena: E eu sou a Milena, Mestranda em Divulgação Científica e Cultural aqui na Unicamp.

Ana: Bem, nós já nos encontramos uma vez no Mundo na Sala de Aula 1, vocês lembram? E agora estamos de volta nessa segunda temporada para uma conversa, de estudante para estudante, para falar um pouco sobre uma etapa muito importante da nossa graduação, o TCC. Convidamos alunos tanto da Unicamp quanto da UnB para falarem um pouco sobre os seus trabalhos, já que o Mundaréu e o Mundo na Sala de Aula são uma colaboração entre essas duas universidades.

Milena: E o que a gente quer é valorizar os estudos e as pesquisas feitas por graduandos então a gente convidou pessoas recém saídas do curso de antropologia para contar um pouco sobre como foram suas pesquisas. Desde o início até a parte da apresentação do trabalho. Essa é uma etapa muito importante, já que é uma das nossas primeiras experiências fazendo uma pesquisa com a nossa cara.

Ana: Para falar disso, temos como convidada a Thaíse Torres, que é formada em jornalismo e que no segundo semestre de 2020 apresentou o seu trabalho "Percepções sobre identidades étnicas e raciais em charges sobre Jacob Zuma na África do Sul" e se formou em antropologia também pela UnB, tendo como

orientadora a professora Juliana Braz que é aqui do departamento de antropologia da universidade de Brasília. Bora lá ouvir um pouco sobre essa pesquisa?

Tambores tocando. Trilha sonora feita por Guilherme da Luz e Ana Noronha.

BLOCO ÚNICO (Entrevista, perguntas e respostas)

Ana: Então Thaíse, a gente queria muito ouvir um pouco sobre o seu trabalho, tem como você falar um pouco sobre ele pra a gente?

Thaíse: O tema Geral do meu trabalho analisa a percepção sul-africana das identidades étnicas e raciais do homem Zulu. E eu escolhi fazer análise dessa representação dessa percepção por meio da representações no homem zulu e charges sobre o Zuma que é o ex-presidente da África do Sul. Zuma é uma figura muito polêmica que foi muito retratada por diversos cartunistas durante todo o período em que esteve à frente do governo e um pouco antes.

Efeito sonoro de fita cassete.

Melodia com o instrumento Kalimba para ambientar o contexto da África do Sul.

Milena: Antes de falar sobre todo o trabalho da Thaíse, é importante falar o contexto político e cultural da África do Sul.

Ana: A África do Sul é um país com uma diversidade étnica gigantesca. E não é à toa que eles são chamados de nação arco-íris. Nesse episódio, a Thaíse mencionará povos como os xhlosas, os Rossas, os Xitsonga. E como ela já falou antes, o TCC focará bastante nos povos Zulus, que é o maior grupo étnico do país.

Milena: Além da diversidade étnica, a África do Sul e todos esses povos passaram por um processo muito violento, o apartheid. Desde 1948 o governo sul-africano criou regras que oprimiam racialmente esses povos de maneira muito violenta. Muitas vezes tirando o direito de representação desses povos e criando legislações específicas baseadas na cor e na etnia dessas pessoas. Depois de muita resistência e muita luta, a África do sul reformulou a sua legislação em um novo o governo sob a liderança de Nelson Mandela, terminando oficialmente o apartheid no ano 1994.

Ana: Como a Thaíse já falou, o Jacob Zuma é uma figura muito polêmica. Ele é o quarto presidente após o apartheid e foi repudiado por várias declarações, atitudes e também por crimes. O ex-presidente já foi criticado por ser nepotista, por utilizar os recursos públicos indevidamente e o caso mais polêmico foram algumas declarações em um julgamento por uma suspeita de estupro que aconteceu em 2005. Depois de diversas acusações de fraude e corrupção, Jacob Zuma renunciou ao cargo de presidente em 2018.

Milena: No meio dessas polêmicas todas com o ex-presidente Sul-africano, vários chargistas retrataram suas visões sobre suas declarações e posturas.

Efeito sonoro de fita cassete.

(Cantiga Zulu e som de lápis desenhando em papel no fundo)

Ana: 19 de agosto de 2010, África do Sul. Quando você abria o jornal automaticamente dava de cara com uma charge que era a releitura daquela figura que mostra a evolução. Sabe aquele que tem primeiro um

macaco e aí eles estão numa fila e eles vão crescendo... crescendo... evoluindo... até se tornarem humanos? Pois é, essa mesma. Só que tinham algumas diferenças, na verdade, não era sobre a evolução de humanos que estavam falando ali, e sim sobre a evolução da democracia relacionada às políticas feitas pelos presidentes sul-africanos ao longo dos anos. O primeiro da fila tinha um corpo mais curvado claramente era um homem bem branco, e meio careca. Era o presidente Hendrik Verwoerd, seguido por John Vorster, William Botha, FW de Klerk, todos envolvidos de alguma forma no regime segregacionista da África do Sul. Eles saíam da representação curvada e iam crescendo, ficando com menos pelos até chegar em um homem, representado por Nelson Mandela, que também carregava um papel escrito "democracia". Mas acho que o Zapiro, o autor da charge, acabou vendo que o período democrático foi indo meio que por água abaixo. A linha evolutiva da democracia foi voltando a forma retrógrada, sendo representada logo depois pelos presidentes Thabo Mbeki e finalmente Jacob Zuma, que ficou no poder entre 2009 e 2018. No seu desenho o corpo era cheio de pelos, ele era mais baixo, mais curvado e parecia muito com a representação do primeiro presidente, mas a cara mostrava claramente os traços negros e o corpo de um macaco e também carregava um chuveiro em cima da cabeça, que é um símbolo que aparece em outras charges para falar sobre o ex-presidente sul-africano.

(Fim da cantiga Zulu e do som de lápis ao fundo)

Efeito sonoro de fita cassete.

Ana: Thaíse, agora que nossos ouvintes entenderam um pouco do contexto sul-africano, por que que você escolheu as charges para analisar essas percepções da identidade étnica?

Thaíse: Então o que eu faço é pegar essas charges, que pela comunicação são vistas como uma forma de opinião, é, e dentro da antropologia uma forma de manifestação cultural. Analiso essas charges sob o ponto de vista semiótico e também entrego a pessoas sul-africanas as charges para que eles possam, para que essas pessoas possam me dizer o que elas estão vendo lá com base em tudo o que elas percebem é um trabalho que pensa também sobre o essencialismo, certo? Então é importante saber como eles se veem, quem tá vendo, de que forma isso tá sendo visto e por que que isso tá sendo feito. Uma das coisas interessantes em que eu percebi pelos dados e pelos relatos das entrevistas é que essa visão essencialista de um povo ele vai ecoar pelas palavras da comunidade. Então, quando as pessoas são provocadas pelas charges e sabendo das perguntas que estavam norteadando meu estudo, já que eu sempre apresentava quem eu era o que que eu tava indo fazer porque que uma brasileira tava lá, as pessoas elas parecem que repensam aquilo que elas viveram naquele momento que as charges foram publicadas. Eu lembro bastante de uma pessoa que me falou "não a gente fazia esse tipo de análise na escola" e essa pessoa me explicava bastante sobre como que tinha sido naquele momento.

Milena: Entendi Thaíse. E como foi essa percepção que você fala? Como que os sul-africanos tratam essa temática racial dentro desse contexto do Zuma?

Thaíse: Também foi muito interessante perceber como que essa classificação racial ela foi produzida e imposta pelo regime do Apartheid. Então não só as relações, elas vão acionar aquela identidade do "eu vs eles", que seria o negro versus o colonizador, o sul africano vs. o colonizador mas uma vez dentro desse grupo de negros você começa a perceber o acionamento de outras identidades como o homem Zulu. Então nós temos os Xhosas, os xitsongas os zulus... Então o acionamento da identidade negra vem quando contraposta a brancos, mas ela faz parte só de um dos vários elementos do pertencimento. Uma coisa muito importante principalmente como eu venho da área da comunicação originalmente procurei na

antropologia uma formação além daquilo que eu já tinha para me completar como pessoa e como profissional é importante pensar que isso faz parte da liberdade de expressão, certo? Então por mais que os autores, os chargistas estejam fazendo a representação do Zuma por meio de estereótipos e relatos essencialista de um povo, isso não necessariamente aponta que eles são racistas. Inclusive pelo corpo da obra deles aponta no sentido oposto. Os depoimentos também, e assim como as respostas às entrevistas, eles permitem que se infira o contrário, não são pessoas racistas. Ainda que a representação dos Zulus seja percebida como algo negativo ou principalmente por conta da insistência indumentária, costumes e os valores Zulus nessas peças analisadas. Daí é interessante a gente pensar também né que esse tipo de representação vai mostrar a força dos estereótipos que estão circulando no imaginário nacional, inclusive entre o público negro que interpreta as charges. E esses essencialismos, estereótipos étnicos eles são parte dos dilemas que são enfrentados diariamente pelos sul-africanos no pós-apartheid sendo eles negros ou não.

Efeito sonoro de fita cassete.

(Segunda cantiga Zulu e som de lápis desenhando em papel no fundo)

Ana: 13 de outubro de 2013, África do Sul. Na figura que saiu nos jornais, em destaque principal, vemos um portão de uma mansão e um homem com um chuva no topo da cabeça. Mais uma vez Zapiro representou Jacob Zuma dessa forma, só que dessa vez podemos ver que ele está com roupas típicas da cultura Zulu, com uma saia, braceletes e uma espécie de capacete. Todos feitos com pele animal. Dá pra ver que ele está ordenhando uma vaca, animal que é muito valorizado na cultura Zulu. Uma coisa interessante é que, coincidência ou não, a vaca malhada tem uma mancha igualzinha ao desenho do mapa da África do Sul e de suas tetas da vaca e no próprio balde usado na ordenha, não vemos uma gotinha de leite e sim dinheiro. Também vemos o nome “Nkandla Cash cow”. Nkandla era uma propriedade de Zuma que foi reformada com dinheiro público. As obras foram feitas com a justificativa de que era necessário melhorar a segurança do lugar e por isso usaram os 28 milhões de dólares para construir um campo de futebol para os guarda costas e também um depósito de água para combater sérios incêndios... só que em forma de piscina.

(Fim da cantiga Zulu e do som de lápis ao fundo)

Efeito sonoro de fita cassete.

Milena: Thaíse, e tem como você contar para a gente, como que foi o processo de escolher a sua orientadora e o tema da sua pesquisa?

Thaíse: Foi depois de ter aula com a minha orientadora, Juliana Braz Dias, de organização social e parentesco. Eu já sabia que ela fazia pesquisa sobre a África, eu sabia que ela mexia com cultura, o que me interessa, e levei para ela minha demanda de continuar trabalhando de uma forma que eu pudesse também usar a minha formação em comunicação. Daí quando eu fui fazendo algumas propostas e um dia ela me manda um e-mail “Thaíse, eu achei! Dá uma olhada nesse daqui e tal... você pode abordar pelos dois lados”. E veio bem ao encontro do que eu estava querendo.

Ana: Tá, e a gente sabe que não é tão comum as pessoas fazerem campo na graduação, principalmente em outro país. Como é que você foi parar lá na África do Sul?

Thaíse: Essa foi outra demanda que eu levei pra ela. Eu disse “olha eu já sou jornalista, eu já tenho uma forma de tratar entrevistas e essa interação com as pessoas e eu quero um campo. Eu quero fazer de forma que eu possa ir a campo e possa ter essa experiência.”. Eu já tinha feito, quando eu concluí o meu trabalho no jornalismo, eu fiz uma análise da representação do genocídio de Ruanda e também por meio da leitura do que tava sendo publicado. Já era uma coisa do meu interesse, então... meio que juntou a fome com a vontade de comer. Para mim funcionou muito bem também porque as dicas que a Juliana me dava, elas faziam com que eu desenvolvesse melhor a minha escrita.

Milena: Legal, Thaíse, e você falou um pouco sobre essa sua relação com a sua orientadora, como que você acha que ela te ajudou tanto nesse seu trabalho?

Thaíse: Como jornalista, sou treinada a ser sintética. Eu sempre explico isso para as pessoas, isso não significa que eu tô escrevendo uma coisa rasa, mas eu preciso escrever de uma forma que a pessoa consiga perceber o que eu tô querendo dizer na hora e não dá para ser mais poético e às vezes não dá para desenvolver tanto quanto seria num trabalho acadêmico. Então a Juliana, quando ela foi me orientando foi muito bom porque ela conseguiu colocar, falar “não olha, aqui você tá sendo muito sintética, dá pra você desdobrar esse trecho, deixar mais explicado. Você foi, fez um campo todo...”. Então pra mim foi uma forma de construção do trabalho muito bacana.

Milena: E Thaíse, eu me identifico muito com você! Porque eu também vim do jornalismo né e hoje no mestrado eu passo também muito por esse processo de conseguir expandir mais a minha escrita né, de conseguir perceber que na minha dissertação eu não preciso ser sempre a jornalista super objetiva e sintética. E minha orientadora, a Daniela Manica, também me ajuda muito nesse caminho. E além disso analisar um fenômeno antropológico, a partir de elementos que estão presentes no cotidiano dos jornalistas, acho que foi uma sacada muito legal! Acho que inclusive tornou o seu objeto de análise mais acessível, sabe?

Ana: E isso acaba sendo muito legal na verdade! Além de usar as charges né como objeto de análise, você ainda conseguiu captar o olhar das pessoas que vivem naquele contexto. Essa sua fala me lembra muito, por que eu tive aula com a professora Juliana, e ela falou muito sobre como que a fotografia, os desenhos e no seu caso as charges, primeiro podem ser usadas como formas de aproximar ali o antropólogo do interlocutor e segundo que acabam sendo ferramentas muito boas para coletar dados interessantíssimos sobre um assunto. Então acho que você arrasou demais!

FECHAMENTO

Música: “Mudernage” da Ellen Oléria

Ana: É isso gente! No episódio de hoje, contamos um pouco da pesquisa da Thaíse e esperamos que vocês tenham gostado! Para quem se interessou pelo tema, é só dar uma olhada nos nossos materiais extras que estarão disponíveis no site do Mundaréu. Eu li o TCC todo e ele tá muito, muito, muito legal! Eu devorei o trabalho como se estivesse lendo um livro super emocionante assim, sério, eu super recomendo!

Milena: Além de recomendar o trabalho, a gente também gostaria de agradecer a Thaíse, que se disponibilizou em conversar com a gente e contar como foi fazer todo esse processo do TCC e compartilhar um pouquinho de como foi a experiência super incrível do campo na África do Sul.

Ana: Também quero agradecer a Milena, que topou de gravar esse episódio comigo, a Soraya Fleischer e a Daniela Manica, que são as coordenadoras do Mundaréu, e também a todos da equipe do Mundaréu que se envolveram de alguma forma nesse episódio do Mundo na Sala de Aula 2.

Milena: Ana, muito obrigada pelo convite e até mais galera!

Ana: Um beijo em todes e até a próxima!

Tá pelo mundo essa mudernage

Esse balanço roto pra fazer você suar

Tá pelo mundo essa mudernage

Esse balanço roto... roto

[fim da música]